

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

ÉTICA EM UMA PESQUISA EM UMA EDUCAÇÃO CRIADORA DE MUNDOS ATRAVÉS DE IMAGENS (AUTO)BIOGRÁFICAS DISSIDENTES

Prof. Ms. Rene Will Gonçalves Bernardes
Universidade Federal da Bahia
rene.bernardes@ifsp.edu.br

Prof. Dr. Rafael Siqueira de Guimarães
Universidade Federal de São João del-Rei
rafaorlando@ufsj.edu.br

Resumo

Este trabalho visa apresentar algumas atitudes éticas em uma pesquisa em uma educação criadora de mundos através de imagens (auto)biográficas dissidentes de gênero no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), realizada no âmbito do Doutorado em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (FACED-UFBA). Nesta pesquisa serão entrevistadas pessoas trans estudantes e servidoras maiores de idade do IFSP acerca de suas trajetórias, desejos e sonhos na instituição e será realizado um processo criativo de produções audiovisuais de curta-metragem em que cada participante elaborará poeticamente trechos de sua fala à sua escolha. Entende-se aqui tais produções como criação ou invenção de mundos para além daquele imposto por uma hegemonia cis-heteronormativa, posto que toda realidade foi, primeiramente, imaginada ou fabulada, conforme nos apontam Haraway (1995) e Ribeiro (2024). Serão postulados outros imaginários possíveis para as escolas e a educação, partindo do método (auto)biográfico (Passeggi; Souza, 2019), nas narrativas sobre memórias, desejos e sonhos de pessoas dissidentes. Este trabalho elaborará as bases teóricas, metodológicas e éticas desta pesquisa em fase inicial, considerando os participantes como sujeitos de suas histórias e coautores desta pesquisa nas linguagens verbal e audiovisual. As elaborações éticas partirão especialmente das proposições da coleção “Ética e pesquisa em educação: subsídios” (ANPEd, 2019), das reflexões sobre escrita (em múltiplas linguagens) de Adriana Marcondes Machado (2023), das elaborações de Patto (2022) em “Cidadania negada” e das reflexões da disciplina Educação, Sociedade e Práxis Pedagógica na FACED-UFBA, ministrada pela docente Lygia Viégas (2025).

Palavras Chave: ética em pesquisa; invenção de mundos; (auto)biografias; dissidências de gênero; gênero e educação.

Introdução

Este trabalho visa apresentar algumas atitudes éticas em uma pesquisa em uma educação criadora de mundos através de imagens (auto)biográficas dissidentes de gênero no IFSP, no âmbito do Doutorado em Educação da UFBA. Na pesquisa serão entrevistadas pessoas trans estudantes e servidoras maiores de idade do IFSP acerca de suas trajetórias, desejos e sonhos na instituição e será realizado um processo criativo audiovisual em que cada participante elaborará

trechos de sua fala em um processo criativo realizado em alguns encontros e facilitado por um pesquisador docente de Artes do IFSP e pessoa trans não binária.

Serão aqui apresentadas algumas das principais noções teóricas acerca da invenção de mundos através das imagens (auto)biográficas criadas pelas pessoas participantes, como as noções de fabulação (Haraway, 1995) e de ficção como arma de guerra (Ribeiro, 2024), que borram fronteiras com aspectos metodológicos e éticos desta pesquisa em educação. A invenção de mundos pelas imagens surge como caminho de (re)existência para subjetividades dissidentes que nos discursos hegemônicos cisonormativos não possuem território fértil para bem viver em dignidade. Sua criação inventa vida onde se intenta seu apagamento e assim espaços educacionais menos áridos proliferam para a habitação de seres viventes transgressores.

A metodologia desta pesquisa pretende-se também transgressora, a partir das (auto)biografias (Passeggi; Souza, 2019), desafiando tradições positivistas: a começar pela proximidade entre sujeito e objeto de pesquisa, sendo o pesquisador um dos participantes (auto)biografados; a continuar pela busca de uma escrita menos academicista; e a se encerrar pela busca de uma leitura não analítica e definidora das complexidades interseccionais destas subjetividades, a partir de coautorias verbais e audiovisuais, que terão suas vozes em si mesmas registradas em um ambiente onde raramente são escutadas.

Para materializar tal metodologia, é preciso exercitar uma ética que a assente. Aqui elaboraremos alguns de seus fundamentos, considerando os participantes como sujeitos de suas histórias e coautores desta pesquisa nas linguagens verbal e audiovisual, a partir da coleção “Ética e pesquisa em educação: subsídios” (ANPEd, 2019), das reflexões sobre escrita em Machado (2023), do capítulo final de “A Cidadania Negada” por Patto (2022) e discussões na disciplina Educação Sociedade e Práxis Pedagógica ministrada por Viégas (2025).

Inventando imaginários e uma ética

Anti Ribeiro (2024) em sua oficina “Ficção como arma de guerra” inicia sua exposição demarcando que a suposta realidade do *Cistema* em que vivemos é sustentada por uma série de ficções arquitetadas como verdades com o propósito de manter a governança. A cineasta propõe pensar a criação de ficções como uma alavanca para invenção de mundos, visto que toda realidade parte de imaginários. A isso se somam as ideias de fabulação e ficção especulativa de Haraway (1995), que conflui com as criações acadêmicas e poéticas de uma série de artistas-intelectuais que inscrevem (com letras, imagens e sons) novos mundos e riscam novas trilhas nos territórios onde habitam. Suas escritas corporificadas fabulam realidades possíveis.

Esta pesquisa em educação buscará escrever histórias e projeções de futuros de estudantes e servidores trans do IFSP através das linguagens verbal e audiovisual para, com este gesto, arriscar novas geografias no ambiente escolar, acadêmico, laboral e afetivo.

Entende-se que a narração-edição de memórias-sonhos-ficções é em si uma forma de conjurar mundos outros simultâneos e/ou em disputa àquele imposto como único verdadeiro e legítimo. Haraway (1995) descreve a partir da perspectiva do construcionismo social como o exercício da ciência cria e molda realidades e propõe assumi-lo para exercer um papel inventivo nas mesmas, criticando aqueles que se escondem sob o discurso de uma suposta objetividade.

Eles [os cientistas] contam fábulas sobre a objetividade e o método científico para estudantes nos primeiros anos de iniciação, mas nenhum praticante das altas artes científicas jamais seria apanhado pondo em prática as versões dos manuais. Os adeptos da construção social deixam claro que as ideologias oficiais sobre a objetividade e o método científico são péssimos guias, particularmente no que diz respeito a como o conhecimento científico é realmente fabricado. Quanto ao resto de nós, há uma relação muito frouxa entre o que os cientistas acreditam ou dizem acreditar e o que eles realmente fazem (Haraway, 1995: 9).

O método (auto)biográfico é escolhido para inscrição destes mundos por se basear na escrita de narrativas dos sujeitos da pesquisa no limiar entre auto e heterografia, realidade e ficção, passado, presente e futuro, objetivo e subjetivo, sendo um método de fronteira, como os sujeitos da pesquisa, sendo cocriação de realidades na medida em que (e a depender da maneira que), ao ser estimulado a narrar, o sujeito se repensa e traduz suas elaborações em uma versão inédita.

“A *biografização* é, portanto, esse processo permanente de aprendizagem e de constituição sociohistórica da pessoa que narra” (Passeggi; Souza, 2017: 9), pois o ato de narrar realiza na pessoa narradora um processo de reflexão sobre si, sua vida e sua construção de si. Passeggi e Souza (2017) apontam como o método aposta na intervenção política na realidade e faz (auto)reconhecer o sujeito como ser inventivo.

Uma aposta de caráter epistemo-político, que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica do sujeito, permitindo-lhe elaborar táticas de emancipação e empoderamento suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem. Uma aposta pós-colonial, que se opõe a uma visada elitista do conhecimento que desconhece essa capacidade de reflexividade humana e de interpretação do cidadão “comum” que sofre as pressões cotidianas que o destituem dos seus direitos e embotam sua consciência crítica (Passeggi; Souza, 2017: 10).

Esta escrita é um exercício que se propõe honesto de comunicação, tradução e criação coletiva, em especial nesta pesquisa composta por um grupo de inventores que possui um espectro de identidades afins e um território em comum para remapear, que pode ser nomeado comunidade. Porém, é uma escrita que não se realiza facilmente ou sem desafios, visto que tensiona zonas de (des)confortos, como toda criação-intervenção, composta por um processo constante de buscar vislumbrar e nomear desejos, bordas, contradições, limites e crenças pessoais e coletivas. Coloca-se como desafio uma atenção ao encontro com a escrita e com os desconfortos.

Escrever exige exercitar-se, procurar palavras, brigar com as palavras, relacionar-se com elas, persegui-las em busca das que afirmam a existência e a produção de algo. Como um corpo parado que passa a se mover, ao escrever há um estranhamento: há dores, desconforto, vontade de não seguir. Na escrita, encontrar-se com esse desconforto tem relação com não saber o lugar de chegada e saber que não há uma resolução final a ser alcançada (Machado, Hahne, Fonseca, 2021:29)

Preveem-se possíveis entraves na fala-escrita-gravação-montagem por parte dos pesquisadores e coautores, em disputas entre o que se vê, se lê, se entende, se assume, se esconde etc., sem que estes verbos estejam necessariamente em posição de oposição e/ou de consciência deliberada. Assume-se, então, como proposição ética, uma disposição constante de abertura à reconstrução compartilhada de palavras e narrativas que saltem aos olhos em uma primeira mirada.

Nas supostas dicotomias entre o que se sabe verbalizar e agir, onde se resiste e onde se reproduz as cis-normas do *Cistema*, não vemos como ético categorizar os sujeitos como puramente alienados ou revolucionários, como propõe Patto (2022). Após a transcrição de 25 entrevistas com pessoas que vivem múltiplas formas de habitar o mundo enfrentando situações adversas, a autora tece elaborações teóricas sobre metodologia e ética em pesquisa com histórias de vida, muitas das quais podem ser apropriadas por esta pesquisa que aqui se encontra em fase inicial.

Neste capítulo, Patto (2022) considera como não podemos deduzir ou pressupor achatamentos reducionistas às subjetividades que convivem com condições estruturais de vulnerabilidade social (como no caso de pessoas trans), sugerindo que se possa extrair sua complexidade e agência enquanto sujeitos de suas vidas e classificá-las em meia dúzia de personagens fixas e pré-determinadas por teorias acadêmicas consagradas nas ciências sociais. É necessário observar a contradição que se esgueira por trás de falas aparentemente binárias e confirmar com o enunciante os sentidos de sua enunciação, no lugar de realizar leituras teóricas sobre o mundo e buscar encaixá-lo em nossas análises.

Em suma, os depoimentos, em seu conjunto, mostram que há múltiplos modos de responder a condições sociais adversas e que os mesmos indivíduos não permanecem fixados em posições, mas transitam, migram, aderem e se opõem. Aliás, a opção por relatos de vida já anunciava a intenção de colher os desenhos singulares de apropriações, recusas e aceitações das representações sociais sobre a pobreza, bem como a de tornar visíveis formas de viver construídas na e contra a adversidade que resistem às leituras que querem torná-las homogêneas (Patto, 2022: 608).

Neste sentido, a partir de discussões sobre este e outros textos na referida disciplina da FACED-UFBA ministrada por Viégas (2025), elencamos uma série de atitudes éticas relevantes nesta pesquisa, ordenando-as sem que haja necessariamente uma sequência valorativa.

A primeira diz respeito à escrita colaborativa com os participantes-coautores da pesquisa. O texto (verbal e audiovisual) deverá sempre ser construído e debatido em conjunto com os

mesmos, inclusive e especialmente na checagem de sua versão final, para garantir que suas palavras e sentidos não sejam indevidamente apropriados e distorcidos.

A segunda diz sobre as marcas da linguagem oral, que não precisam ser reproduzidas totalmente no texto escrito, mas apenas onde contribuírem aos seus sentidos, visto que podem atravessar o andamento e, devido aos preconceitos linguísticos, gerar deslegitimação aos enunciantes.

A terceira diz respeito à aproximação dos sujeitos da pesquisa, para que seja preferencialmente realizada através de vínculos pessoais e afetivos, ao contrário do que se costuma supor em uma ciência autointitulada neutra, visto que buscamos construir e fortalecer redes, comunidades e dignidade às subjetividades dissidentes na educação, e também por tornar mais provável que a participação na pesquisa seja especialmente por vontade e em benefício do entrevistado.

A quarta diz respeito à identificação dos sujeitos, que deve ser negociada com os mesmos, na medida em que seu ocultamento pode protegê-los de perseguições, ao passo que sua exposição pode registrar sua autoria, que pode ser desejada por alguns, com seu consentimento livre e esclarecido, visto que serão, de fato, coautores do texto, em especial no caso desta pesquisa que será realizada apenas com maiores de idade.

A quinta diz respeito à não urgência de uma análise interpretativa posterior, visto que a narrativa fala por si e não precisa ser validada por um suposto saber-poder acadêmico superior, o que caminha na contracorrente de metodologias conservadoras que vêem o pesquisador como um selo de garantia da veracidade e relevância de meros dados fornecidos pelos participantes.

Queremos destacar ainda alguns fundamentos relevantes desta pesquisa a partir de Passeggi (2019). Neste, a autora assume a filiação à pesquisa (auto)biográfica em Educação “por sua mirada para a vida (**bios**) e para a linguagem (**grafia**) como **mediadora das relações** do sujeito consigo próprio (**autos**) e com o outro (**alteridade**) para o bem comum (ética) no mundo da vida” (Passeggi, 2019: 200).

Passeggi (2019) inicia substituindo o pressuposto clássico das ciências sociais e humanas de “dar voz” aos participantes da pesquisa (como se não a possuíssem) pela atitude ética de visibilizar sua voz a partir do lugar privilegiado da academia, para que pessoas inseridas neste contexto de poder a escutem também. Citando Freire, a autora retoma a capacidade dos sujeitos de pronunciar e modificar o mundo a partir de suas existências, endossando assim a possibilidade inventiva de mundos através das imagens por parte dos sujeitos desta pesquisa.

Queremos ainda discutir autonomamente sobre ética na familiaridade com o objeto da pesquisa, para além dos tradicionalismos academicistas. Como mencionado nas considerações a partir de Patto (2022), este trabalho aborda uma comunidade à qual o pesquisador pertence (pessoas trans do IFSP) e incluirá sua própria (auto)biografia entre as demais, como mais um sujeito participante de sua própria Tese.

Não vemos aqui a familiaridade com a pesquisa como um impeditivo, mas como um aspecto favorável à realização da mesma, visto que pode contribuir para a ampliação do mapa de escritas e imagens produzidas nesta construção de novos mundos para as dissidências. Ademais, pode permitir um maior vínculo afetivo com os participantes e a construção de uma rede colaborativa na invenção e recriação constante destes mundos outros, considerando ainda o papel ativo da pessoa autora enquanto docente de Artes, que retornará a seu local de trabalho com maior conhecimento sobre as necessidades e sonhos de seu público, elaborado coletivamente.

A familiaridade é ressignificada, a obviedade salta aos olhos de quem pesquisa. Para Bourdieu (2001, p. 697), a familiaridade assegura condições de comunicação “não violenta”. Nesse sentido, a ética do retorno da pesquisa ao contexto de investigação, considerado uma exigência ética, coloca em debate se um dos melhores retornos, em Educação, sobre resultados alcançados, não seria, por exemplo, a formação de quem pesquisa e sua intervenção mais lúcida no próprio campo de atuação (Passeggi, 2019: 206).

Para além de muitas outras contribuições que este capítulo traz para a discussão da ética em pesquisa com histórias de vida na educação, importa notar um cuidado ético apontado por Viégas (2025) a se atentar em situações de pesquisa com mais familiaridade entre sujeito e objeto, qual seja: o risco de se confundir e pressupor informações não ditas pelas pessoas participantes quando existe uma grande identificação com as mesmas.

Assim como podemos pressupor, por preconceitos, informações não ditas por aqueles que são distantes de nós, o mesmo pode se dar em relação àqueles com os quais nos sentimos próximos. Há o risco de deduzir mais identificação do que realmente existe, por exemplo: quando a pessoa entrevistada profere uma frase incompleta e termina com “sabe como é, né?” pressupondo um óbvio entendimento mútuo não verbalizado. Em casos como este, sugerimos que seja devolvido ao coautor questões tais como “não sei se entendi, me explica melhor?”. Assim, o sujeito recebe a oportunidade de falar por si, em vez de ser dublado por uma suposta empatia extrema do entrevistador – porém ao revés.

Encerrando sem findar

Este trabalho buscou evidenciar algumas considerações teóricas, metodológicas e éticas em uma pesquisa em uma educação criadora de mundos através das imagens (auto)biográficas dissidentes de gênero no âmbito de um Doutorado em Educação, a partir de narrativas verbais e audiovisuais produzidas em colaboração com pessoas trans estudantes e servidoras do IFSP maiores de idade. Pretende-se que estas contribuam para a construção de mundos no ambiente institucional e afetivo, pela fabulação de imaginários outros através dos relatos dos sujeitos entrevistados e de suas produções audiovisuais elaboradas poeticamente no encontro dos

mesmos com esta pesquisadora, que é pessoa trans e docente de Artes do IFSP Campus Registro e pretende se incluir no rol de participantes de sua própria pesquisa.

Percebe-se que os aspectos teóricos, metodológicos e éticos se borram e entrelaçam em uma pesquisa que visa contribuir para a escrita e materialização de territórios em que caibam as diferentes subjetividades dissidentes com dignidade e respeito às suas histórias de vida. Deste modo, a pessoa pesquisadora se compromete a exercitar uma ética que possibilite a cocriação em rede de mapas que possam ser trilhados por múltiplos corpos a partir de seu local de atuação.

Referências

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. In: **Cadernos Pagu**, Campinas, 1995, n. 5, p. 7-41.

MACHADO, Adriana Marcondes; HAHNE, Beatriz Saks; FONSECA, Paula Fontana. “Pensar é deslocar-se: o jogo da escrita endereçada”. In: MACHADO, Adriana Marcondes; CARDOSO, Sílvia Galeasso. **A escrita como exercício em processos formativos**. São Paulo: Blucher, 2021, p. 21-33. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9786555501155/completo.pdf>

PASSEGGI, Maria da Conceição. “A ética na pesquisa com narrativas de vida em educação”. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em educação: subsídios**. Volume 3. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019, p. 199-211. E-book. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/etica_e_pesquisa_em_educacao_-_isbn_final.pdf. Acesso em: 21 fev. 2023.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de Souza. “O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional”. In: **Investigación Cualitativa**, 2017, 2(1), p. 6-26.

PATTO, Maria Helena de Souza. **A cidadania negada: políticas públicas e formas de viver**. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 2022. Disponível em: www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/913

RIBEIRO, Anti. “Oficina: Ficção como arma de guerra”. Realizada em 16/11/2024. In: **Festival Paraquedas**. Palmeiras, 2024.

VIÉGAS, Lygia. “Disciplina: Educação Sociedade e Práxis Pedagógica”. In: **Programa de Pós-Graduação em Educação**, FAGED-UFBA, Salvador, 2025.